

Luz entre sombras: uma leitura em contraponto entre *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago e *Mãe, materno mar*, de Boaventura Cardoso

Olimpia Maria dos Santos¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é o de apresentar uma leitura contrastiva entre as duas obras enunciadas no título. Conquanto consciente das inúmeras diferenças existentes entre os dois romances, pretendo ressaltar que ambos denunciam a cegueira moral, como uma das responsáveis pelas misérias da vida humana, particularizadas em diversas circunstâncias, mas passíveis de serem lidas sob um viés universal. Sob esse entendimento, a discriminação dos problemas e seus respectivos efeitos, representada na sequência diegética, está sustentada na enunciação da ausência de aspectos éticos e estéticos. A literatura, dentro da exuberância de desmandos e desumanizações retratados, assume, nos dois romances, a função de provocar reflexões, entendidas estas como ideias na contracorrente da história, protagonizando vozes de resistência.

207

Palavras-chave: Literatura, romance, história.

Abstract

The goal of this paper is to show a comparative reading between the two pieces of work enunciated on the title. In spite of being conscious of the several differences between the two novels, I intend to point out that both relate to moral blindness, as one of the responsible facts for the misery of human life, which are peculiar in several circumstances, but possible to be read under a universal way. Under this approach, the discrimination against problems and their respective effects, represented in diegetical sequence, is supported by the enunciation of the absence of ethical aspects, literature, within exuberance of abuses, and in inhumanizing portrayed, takes on, in both novels, the function of raising reflections, which can be understood as ideas in the opposite direction of history, turning out to be voices of resistance.

Keywords: Literatura, novels, history.

¹ Doutora, pela UFRJ, em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Professora de Literatura Portuguesa do Centro de Ensino Superior de Valença/RJ e do Centro Universitário Geraldo Di Biasi, em Volta Redonda/RJ.

A crença de que a criatura humana é um ser em construção existe desde épocas muito remotas. Essa condição se, por um lado, submete o homem, numa escala de maior ou menor profundidade, a uma vivência limitada diante de potencialidades ilimitadas e o marginaliza a um subaproveitamento de suas possibilidades, por outro, impulsiona-o na busca de caminhos, por meio dos quais consiga superar as adversidades vividas. Alguns, de entendimento mais adiantado, auxiliam os mais “retardatários”, como se esse processo de interferência fosse imprescindível para o despertamento do outro e, ao mesmo tempo, contribuísse para o progresso de ambos.

O conceito de educação reafirma as ideias acima. Educar significa, num sentido lato, extrair riquezas intelecto-morais que existem em latência na espécie hominal. A angústia do homem consciente consiste então em agilizar esse vir-a-ser, cujo desejo se intensifica na proporção do aumento das injustiças e barbaridades vividas pelos povos das mais diferentes comunidades.

Esse paradoxo entre o estar-sendo (como condição precária da existência) e a possibilidade do vir-a-ser (como vivência mais plena da existência) pode ser abalizado pelo texto de Platão, *A alegoria da caverna*, do qual transcrevemos as primeiras linhas:

“E agora (...) compara com a seguinte situação o estado de nossa alma com respeito à educação ou à falta desta. Imagina uma caverna subterrânea provida de uma vasta entrada aberta para a luz e que se estende ao largo de toda a caverna, e uns homens que lá dentro se acham desde meninos, amarrados pelas pernas e pelo pescoço de tal maneira que tenham de permanecer imóveis e olhar tão-só para a frente.” (PLATÃO, 1964, p. 203)

Os homens da caverna platônica, impedidos de verem a luz, sofrem as consequências da ausência de uma educação lúcida: tomam, então, as sombras no lugar dos objetos. A problemática de tais homens está, metaforicamente, refletida na cegueira, espelho do estágio moral dos mesmos, incapazes de se reconhecerem, plenamente, na sua condição de homens. A cegueira diz respeito, portanto, a uma percepção subjetiva de mundo, que leva os homens a viverem no submundo, sem saberem que têm condições de aspirar a um mundo melhor. Esta situação se agrava porque, além de viverem iludidos, os homens, amarrados e prisioneiros, satisfazem-se com a própria circunstância e tomariam por embusteiros aqueles que procurassem revelar-lhes a realidade: “E não matariam, se pudessem deitar-lhe a mão, a quem tentasse desatá-los e conduzi-los à luz?” (PLATÃO, 1946, p. 205). *A alegoria da caverna* preceitua, deste modo, as consequências negativas da ausência de uma práxis educativa, alicerçada no paradoxo não saber, não saber que não sabe e, como decorrência, não querer saber. *A alegoria da caverna* chama ainda a atenção para a possibilidade de se adquirir conhecimento, mas de se aplicar o mesmo de forma inútil e nociva: “Nunca notaste com quanta agudeza percebe a alma pequenina daqueles de quem se diz que são maus, porém inteligentes, e com que interação discerne os meios apropriados aos seus fins? Esses homens nada têm de cegos, mas sua agudeza de vista está a serviço da maldade, de maneira que quanto maior for sua perspicácia mais serão os males que cometerão.” (PLATÃO, 1946, p. 207). O conhecimento significa, portanto, apenas

uma parcela do aspecto educativo. A aplicabilidade do saber, amarrada a um fim útil e não nocivo, é percurso obrigatório para o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas. Assim, a cegueira tanto pode representar a ausência de conhecimento quanto uma moralidade ética subdesenvolvida.

O texto platônico deixa entrever, assim, que educar constitui-se como um desafio, onde a “verdade” tem de ser revelada, sem “cegar”, por meio da utilização de métodos que desvendem a realidade, de acordo com a capacidade de apreensão do indivíduo, não extrapolando os limites de entendimento de cada homem. Sob esta ótica, a mensagem se concretiza, então, por meio da função fática. O aprendizado acontece, quando, a partir de necessidades experimentadas e percebidas, o ser humano redimensiona o seu campo de entendimentos, internalizando novas formas de ser e de agir.

O processo ensino/aprendizagem, entendido num sentido amplo, abrange, a bem dizer, todos os campos do saber, cada qual com seu método específico. Todas as áreas do conhecimento, de uma forma ou de outra, podem projetar luz entre as tantas sombras que ainda predominam nas cavernas do mundo. Dentre essas áreas, destaco aqui a da literatura, que se insere nesse contexto, redimensionada pela possibilidade da linguagem ressignificada. *A alegoria da caverna* explicita, ainda que indiretamente, a necessidade de uma linguagem enviesada, na práxis educativa, como pressuposto capaz de abranger a diversidade de entendimento dos “educandos”. Nesse sentido, a literatura, por suas próprias especificidades, é um campo privilegiado na difusão de despertamento de consciências.

Sob a perspectiva de que a linguagem literária pode desvelar “verdades”, velando-as num manto de alegoria, escolhi os romances *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago e *Mãe, materno mar*, de Boaventura Cardoso. Nessas duas obras, a cegueira enfocada, ainda que sob aspectos bem diferenciados, metaforiza a degenerescência dos valores ético-morais do homem, caracterizada, sobretudo, pela perda dos referenciais de humanidade. Ambos os romances espelham realidades contemporâneas, onde predominam a exploração do homem pelo próprio homem e a indiferença diante das misérias que assolam todos os povos.

No *Ensaio sobre a cegueira*, todos ficam cegos. À primeira vista, a ocorrência de um episódio particular, com um motorista num sinal de trânsito, é o ponto de partida para o alastramento da doença em que todos passam a enxergar “tudo branco.” (ESC, 33) O problema atea-se, impiedosamente, sobre a população inteira, não importando a idade, o gênero, a classe social, ou qualquer outra coisa que diferencie os homens uns dos outros. Numa leitura superficial, a cegueira física parece ser a causa das misérias vividas pela população. Entretanto, na própria obra, patenteia-se a causa da cegueira como de origem moral, como fica evidente em diversos trechos, tal qual o apresentado a seguir: “... um tipo de cegueira desconhecido até agora, com todo o aspecto de ser altamente contagioso, e que, pelos vistos, se manifestava sem a prévia existência de atividades patológicas anteriores de caráter inflamatório, infeccioso ou degenerativo...” (ESC, 37) O trágico acontecimento faz supurar as feridas da sociedade, expondo as sombras pustulentas que há muito a consumiam.

A cegueira do motorista no semáforo não é propriamente a primeira, da qual todos viriam a contagiar-se em série. Ao contrário, ela está no ápice das demais, quando então se tornou impossível manter as outras no anonimato. No clímax das consequências vivenciadas, os cegos afirmam que “Se tivéssemos vista não nos teriam metido neste inferno...” (ESC, 190) Talvez o que os cegos quisessem dizer é que se tivessem visto, no sentido de perceber criticamente, os males a que chegariam com todos os descasos cometidos uns contra os outros, eles poderiam ter evitado aquele “ranger de dentes”.

A convivência dentro do manicômio, entretanto, prova o contrário, pois, mesmo subjugados por circunstâncias adversas de todo gênero, a insensibilidade grassava entre os homens como demonstra, por exemplo, o seguinte trecho: “Vinhã chamar ao pagamento do imposto de serviço, as mulheres da segunda camarata, mas detiveram-se por um momento à porta da primeira a perguntar se as mulheres daqui já estavam restabelecidas dos assaltos eróticos da outra noite.” (ESC, 183) O texto escolhido não explicita exatamente o cotidiano da vida dos cegos no manicômio, mas reflete a fragilidade e a insegurança a que estavam sujeitos todos os cegos, entregues às mais inusitadas barbaridades. Os casos mais esdrúxulos como o da violência sexual contra as mulheres representam, num espelho ampliado, as pequenas violências cometidas, todos os dias, passadas despercebidas, como coisas banais e comuns.

A extravagante cegueira expressa, ironicamente, os paradoxos do mundo contemporâneo, nas mais diferentes áreas. Dentre as personagens, destaca-se a mulher do médico, por ser a única a manter a percepção visual. A visão dela ganha uma dimensão diferenciada, a partir do momento em que o enxergar para ela, acarreta-lhe a responsabilidade de auxiliar aqueles que não vêem. Alegoricamente, essa personagem ressignifica o sentido de ver, atribuindo-lhe um dever de extrapolar os sentimentos imediatistas e interesseiros, como acontecia com a maioria dos outros cegos. A cegueira física da população reflete uma cegueira moral, incapaz de criar uma realidade onde todos tenham vez. Ao contrário, a percepção visual da mulher do médico espelha a sua percepção crítica.

Expostos a situações de degradação humana, os cegos, no manicômio, continuam preocupados apenas com a sua sobrevivência, esquecidos numa reducionista individualidade. Nem cegos, os homens se apercebiam do quanto precisavam (re)ver as suas práticas cotidianas.

Nesse romance saramaguiano, as personagens, engolidas por uma mesma tempestade, demonstram que a doença ético-moral criada por homens contra homens, tem o efeito de uma epidemia, onde ninguém escapa: “Quem nos diz que não vão disparar contra nós, Depois do que já fizeram, são bem capazes disso. Não podemos fiar-nos...” (ESC, 102) O universo, nessa perspectiva, é apresentado como uma teia sinérgica, onde todos sofrem as consequências do mal praticado. Nesse sentido, ele traz ainda uma visão apocalíptica, baseada na necessidade da transformação moral de todos para o bem da sociedade ou, caso contrário, a constatação da derrocada também de todos.

Como já disse, o confinamento no manicômio é o alerta do máximo de suporção, como é perceptível no trecho a seguir: “Chegou à altura de decidirmos o que devemos fazer, estou convencida de que toda a gente está cega, pelo menos comportavam-se como tal as pessoas que vi até agora, não há água não há eletricidade, não há abastecimentos de nenhuma espécie, encontramos-nos no caos, o caos autêntico deve de ser isto.” (ESC, 244)

Diante da constatação dessa calamidade ético-moral que contaminou toda a população, o autor da obra, por meio da voz enunciadora, faz um apelo às criaturas humanas. Mas, em vez de fazer um discurso exortativo, opta por um outro método. Como sabe que os que vivem mergulhados em sombras tendem, por um instinto natural, a repelir a luz da “verdade”, em vez de falar sobre um real imaginário (a luz), coloca as criaturas frente a frente com o real vivido, num espelho, onde os prisioneiros possam se enxergar a si mesmos.

A epígrafe do romance “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, corrobora a utilização desse recurso especular como o mais apropriado diante da diversidade de caracteres e da cristalização de ideias dos moradores da caverna. Como nem todos estão no mesmo nível de entendimento, o enredo soa como uma alegoria, onde cada criatura irá interpretar de acordo com as suas possibilidades. A voz enunciadora evidencia, desse jeito, o seu comprometimento com a realidade do seu tempo, fazendo soar, por meio das letras literárias, uma voz de resistência contra os desmandos que minam as sociedades. Entretanto, essa mesma voz enunciadora despe-se de qualquer ilusão de querer impor a sua “verdade”. Ela assume a função de retratar a realidade, sem máscaras, expondo-a diante dos olhos de cada um. Quem, em podendo ver, reparará? Quem, em podendo reparar, fará alguma coisa? Quem em fazendo alguma coisa, será notado? A voz enunciadora se espelha, no fundo, na mulher do médico. Como única privilegiada pela não cegueira, ela ia conduzindo os cegos, mas eles não se davam conta disso ou, quando muito, apenas desconfiavam. Talvez nos reste uma pergunta: será que nós, leitores, vamos, ao menos, desconfiar de que também podemos estar contaminados pela mesma cegueira?

Ao contrário do que acontece no *Ensaio sobre a cegueira*, em *Mãe, materno mar*, apenas uma personagem, Ti Lucas, não enxerga. Entretanto, as outras, mesmo enxergando, são prisioneiras da manipulação dos líderes religiosos, o que não acontece com o ceguinho e que, por isso, personifica a resistência contra os sistemas alienantes vividos pela população. Ele é a voz que entretete as experiências do passado com as informações do presente, com o objetivo de despertar uma consciência crítico-participativa. Ti Lucas é depositário de saberes e crenças das tradições e, como tal, sente-se na obrigatoriedade de repassá-los para a sua comunidade. As suas atividades pautavam-se numa preocupação com o coletivo, como demonstra o trecho a seguir:

“Tinha mais de vinte anos que ele andava naquilo, subir e descer em qualquer estação ou apeadeiro, sem pagar, já lhe conheciam todos os revisores, maquinistas, fogueiros, agulheiros, vagonheiros, os chefes de estação de Lucala, Ndalatando e Canhoca até lhe davam cama e mesa, muitos passageiros lhe conheciam e lhe gostavam, que ele pela voz lhes conhecia a todos, os nomes, as idades aproximadas, as roupas que traziam vestidas, pela voz ele também que ficava a saber do estado de espírito de cada um, se tinham problemas ou não.” (MMM, 101-102)

As ações de Ti Lucas estão abalizadas numa ética que deve presidir os relacionamentos humanos, tanto nos aspectos individuais, como coletivos. Essa ética, cuja responsabilidade cabe ao ser humano, constitui o centro da pirâmide vital, entendida esta como a união de todas as forças que existiam no universo da tradição oral africana. Ti Lucas encarna a personagem eticamente boa, para quem a vida se complementa e ganha sentido, por intermédio do intercâmbio com o outro. Ao contrário dos líderes religiosos, Ti Lucas intervém nos acontecimentos, contribuindo para resolvê-los. Ele demonstra um preparo adquirido, com especialistas e conhecedores das tradições. Sendo assim, ele é um iniciado, incumbido de reatualizar a tradição no contexto do presente, demonstrando a sua inalienável validade.

Ao lado dessa autoridade, conquistada por intermédio de estudos e preparos, ele gozava de uma outra, originada do testemunho ocular dos fatos. Dava conselhos e emitia pareceres, tendo por base também suas experiências. Batizado no fogo dos sacrifícios, Ti Lucas representa, então, em todas as circunstâncias, o olhar crítico destemido. Para explicitarmos melhor estas ideias, tomemos, como exemplo, uma música cantada por ele:

*“Quem tem frio aproxima-se do fogo
se cai no fogo, não lhe resta senão voltar a
saltar
o mundo dá cada volta
mas não surpreende a gazela
que não tem medo do fogo.” (MMM, 126)*

A letra da música aponta para a existência de uma necessidade (“quem tem frio”) e a conseqüente busca de uma providência (“aproxima-se do fogo”). Advertidamente, o romance *Mãe, materno mar* prevê a possibilidade de essa providência ser um malogro (“se cai no fogo”), sugerindo que haverá necessidade de uma continuidade à busca de outras soluções. Dá a entender que somente os mais atentos sabem distinguir as verdadeiras das falsas soluções (“não surpreende a gazela/que não tem medo do fogo”). O próprio Ti Lucas se coloca como uma autoreferencialidade para o caso. Ele sabe que a recorrência às religiões é motivada pelas cruciantes dores vividas pela população, mas também sabe que as religiões apresentavam apenas soluções paliativas. Dentro da narrativa romanesca, ele alegoriza a gazela que não se deixa surpreender pelo fogo.

A lucidez de suas escolhas está exemplificada na recusa de “que o Profeta fizesse o que quer que fosse para lhe reabilitar a visão.” (MMM, 266) Alegoricamente, Ti Lucas ressignifica o sentido de cegueira, atribuindo-lhe um significado de ausência de percepção crítica, como acontecia com os passageiros do trem. Ti Lucas, como um mais velho e, portanto, como depositário de saberes acumulados, sabe da sua obrigatoriedade no repasse dos valores da tradição, mas também sabe que os mesmos têm de ser (re)administrados num novo contexto, a fim de não serem, de antemão, rejeitados.

O professor de ensino secundário que, estimulado por Manecas, resolvera falar sobre a “importância da conservação e preservação do meio ambiente” (MMM, 68)

demonstra como os habitantes, engolfados por necessidades elementares, estavam resistentes à revelação de outras “verdades” que não as do universo deles. O professor e Manecas resolveram destinar o tempo livre, num trabalho relacionado ao meio ambiente. Escolheram, para isso, o mesmo espaço demarcado pelo Profeta, para os seus cultos. O motivo da escolha foi o fato de os fiéis fazerem muita sujeira durante os rituais. Quando o Profeta e os fiéis chegaram para fazer o culto e encontraram o espaço ocupado, revoltados, surraram Manecas e o professor e “lhes obrigaram, então a trepar na árvore e a removerem a faixa anunciadora daquele discurso sobre o meio ambiente.” (MMM, 71)

Embora de uma forma diferente da que acontece em *Ensaio sobre a cegueira*, podemos dizer que Ti Lucas também usa o método especular. Não emprega um discurso exortativo, por meio do qual conclame os elementos da comunidade a serem mais críticos e atentos. No entanto, assume ele mesmo uma postura ético-moral mais desejável. Na contramão das atitudes automatizadas e automatizantes, Ti Lucas insistia em “ver o tempo passar e estar nele. Estar no tempo de outro tempo. Este era, pelo menos, o conselho que Ti Lucas, o ceguinho, dava a todos que lhe quisessem ouvir. Por isso é que ele (...) passava o seu tempo a cantarolar. Por isso é que o tempo dele, não era visto mas sentido, era um outro tempo.” (MMM, 208) Ti Lucas apreendia, conscientemente, o tempo presente, mas não se deixava mergulhar nele. Ele cantava para despertar para um “outro tempo”, onde o homem alienado fosse transmutado e se tornasse consciente e lúcido.

Enquanto no *Ensaio sobre a cegueira*, as personagens são colocadas no palco, dramatizando as suas próprias vidas, no *Mãe, materno mar*, as personagens vêem no espelho aquilo que, para elas, se constitui como um referencial exemplar. Deste modo, nos dois romances em estudo, observa-se a referência à cegueira como uma degradação dos valores humanos. São seres que vivem à margem de suas potencialidades, empurrados pelas circunstâncias do meio, coagidos por forças mais brutas ou esquecidos de si mesmos, não se sabe bem por que razão, propriamente. São vários os caminhos que tentam explicar e lançar luz sobre essa questão. Nos dois romances, é possível detectar também uma voz enunciativa que, mesmo consciente de que a “verdade” é intransferível, apregoa o seu alerta sobre o caos que consome a sociedade e que devorará a todos, se cada um não fizer a sua parte.

De qualquer maneira, nesse panteão, somos obrigados a concordar que o texto de Platão permanece atual, pois, por enquanto, ainda são muitas as sombras que nos devoram. Pudera cada um de nós ouvir cada apelo que nos chega e já estaríamos contribuindo para o mundo ser um pouco menos cego.

(Endnotes)

1 As citações dessa obra aparecerão indicadas pela abreviatura ESC.

2 As citações dessa obra aparecerão indicadas pela abreviatura MMM.

3 O estudo sobre *Mãe, materno mar* apresentado aqui faz parte da minha Tese de Doutorado. Cf. SANTOS, 2007, pp. 128-153.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. Porto: Campo das Letras, 2001.

PLATÃO. A alegoria da caverna. In: *Diálogos: A República*. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1964.

SANTOS, Olimpia Maria dos. *A alegórica “materna mãe” angolana – uma reescrita da história e das tradições pelos romances de Boaventura Cardoso*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2007. Mimeo. Tese de Doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.